

CRÍTICA LIVRO | QUEIMEM O VELHO!

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Baseado na
crueldade real

O jornalista Luís Pimentel já perdeu a conta de quantos livros publicou desde que trocou a Bahia pelo Rio de Janeiro, há mais de quarenta anos. Era ator e dramaturgo, então, pretendia continuar no teatro, mas o jornalismo aconteceu em sua vida. Passar por quase todas as redações de revistas, televisão e jornais da cidade, abraçou a atividade e continuou escrevendo, tendo perdido a conta de quantos livros publicou – romances, crônicas, contos, poesia, infanto-juvenis, sobre música e teatro – por diversas editoras.

Agora, chega às livrarias “Queima o velho! e outros contos cruéis”, (Dromedário, R\$ 60), no qual enfoca situações para as quais os moradores das megalópoles fecham os olhos, única maneira possível de continuar a viver diante da violência e miséria.

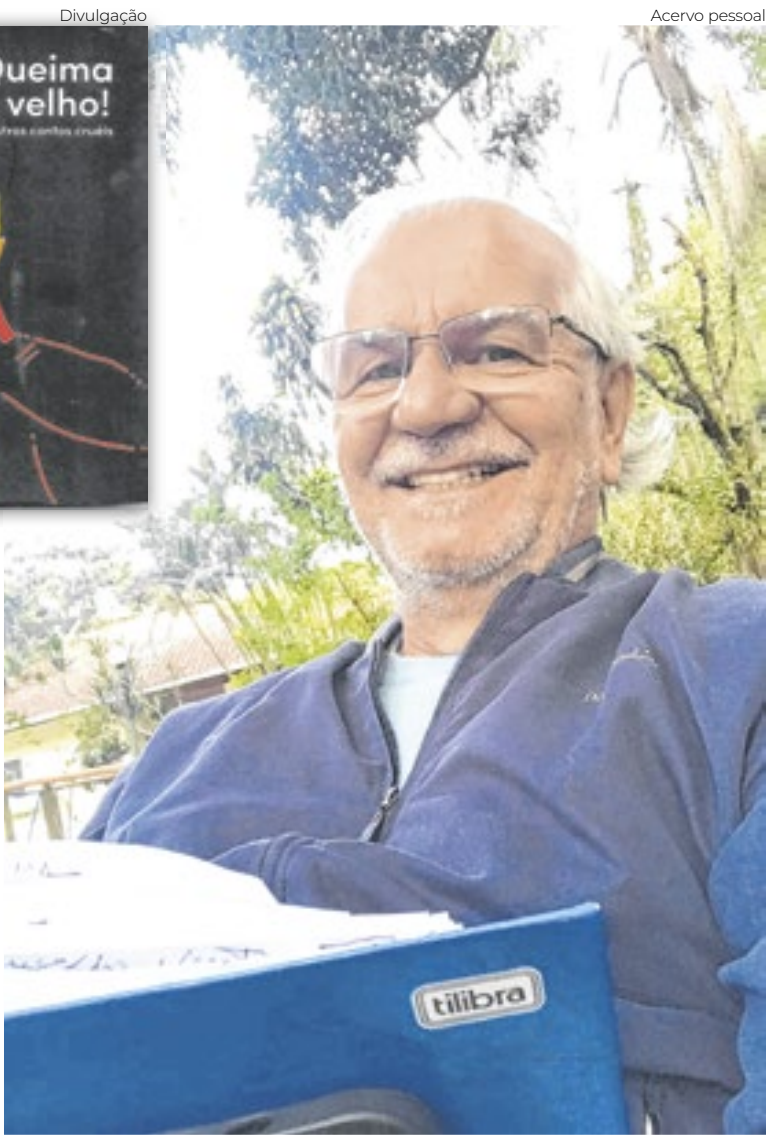
A reflexão sobre o desalento da velhice, a resiliência de quem enfrenta a solidão e a total falta de recursos financeiros que só permite sobreviver e não ter uma existência digna são temas que perpassam as 24 histórias,

Ainda que ficcionais, os contos de Luís Pimentel em ‘Queima o Velho!’ são crônicas de nossa era que faz da pobreza um defeito pessoal

que parecem acontecer na calçada em frente à casa do leitor. Além das vítimas da desigualdade social, protagonizam seus contos os doentes mentais e tantos outros que sofrem com a negligência, a indiferença e o desprezo da população mais favorecida. Embora sejam todos criações ficcionais, os contos também constituem crônicas de nossa era em que a pobreza se torna uma mácula pessoal dentro de um universo que glorifica as conquistas financeiras, a ostentação da riqueza e promove um falso hedonismo simbolizado pela acumulação de artigos de luxo.



Divulgação



Acervo pessoal

“Não vejo crueldade nesses textos. São fatos do cotidiano adaptados para a literatura”, acredita Pimentel, cuja obra literária lhe garantiu prêmios nacionais como o II Prêmio Candango de Literatura, Literatura Para Todos, do MEC, Cruz e Souza, da Fundação Catarinense de Cultura, Prêmio Cidade de Belo Horizonte de Dramaturgia, e o 200 Anos de Independência, do Minc. Em 2021, recebeu em Sintra, Portugal, o Prêmio Ferreira de Castro de Ficção Narrativa pelos contos de “Ainda tem sol em Ipanema”.

Baiano do sertão, criado em Feira de Santana, Luís Pimentel não situa o cenário de suas narrativas, porém lá estão os elementos da cidade grande, que nem sempre aparecem, mas são espelhados no dia a dia dos personagens. Quem se ressentia de estar só, lamenta o quanto a família se dedica a tantos afazeres que impedem o convívio de pais, filhos, avós e netos. Os jovens “bem-nascidos” só querem se divertir ao torturar um morador de rua. Outro tema que perpassa os contos é o distanciamento entre idosos e pessoas de outras faixas etárias, um traço comum nesta época de culto à eterna juventude, quando adultos se submetem a infinitas intervenções para manter as feições e os corpos com a aparência jovial.

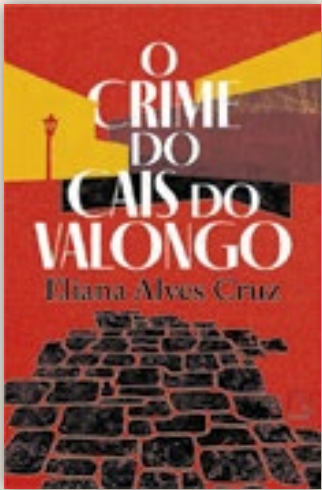
O lançamento de “Queima o Velho!” é na sexta (24), às 19h, no bar Bip Bip (Rua Almirante Gonçalves 50, Copacabana).

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

MISTÉRIO NO VALONGO

A nova edição de “O crime do Cais do Valongo” (Record, R\$ 59,90), de Eliana Alvez Cruz, inaugura a coleção Crimes Coloniais, que a autora vai lançar com o livreiro Nuno Moutinho à frente de investigações no Brasil Colônia, mesclando narrativas de suspense com realismo fantástico. O segundo volume pretende difundir e aprofundar a história da escravidão no país e sairá em janeiro. Publicado em 2018, “O crime do Cais do Valongo” entrelaça as trajetórias do livreiro Nuno e da moçambicana escravizada, Muana Lomué, tendo como eixo o assassinato de um comerciante no principal porto de entrada de africanos nas Américas, espaço de silenciamento e violência.



Divulgação

MISTÉRIOS DA VIDA EM POESIA

Com mais de quinze livros de poesia publicados, o carioca Tanussi Cardoso discorre sobre maturidade, vivência e finitude em “Absurdo coração” (Patuá, R\$ 60), que traz poemas densos, separados em duas partes: “Dentes cravados no tempo” e “O tempo que nos habita”, nas quais busca esclarecer o mistério da vida, expondo a saudade dos que morreram. Em quase todos os textos, os opostos de situações, sentimentos, impressões e intenções são apresentados concretamente, como em “Luz nas sombras”, que fala do “jovem cego sorridente e livre” que tateia o chão com a bengala, em contraponto ao poeta que, triste, a tudo enxerga e sabe mais “da escuridão e seus limites”.



Divulgação

BANCANDO O DETETIVE

Depois que a série “Murdle” vendeu mais de 60 mil cópias no Brasil, desde 2024, a editora Intrínseca volta a investir no filão dos livros-jogos. “Léa não é a culpada” (R\$ 39,90), fenômeno editorial na França, que permaneceu semanas em primeiro lugar nas vendas da Amazon desde seu lançamento, em abril, chega ao mercado brasileiro para desafiar os leitores a descobrirem o assassino do professor Armand Duval, encontrado morto em seu apartamento em Paris. Quem quiser se aventurar a desvendar esse mistério vai precisar ter excelente visão, pois as pistas são todas ligadas a cerca de 40 mil nomes impressos em mais de 200 páginas. O segundo volume sai em agosto.



Divulgação